



OBITUÁRIO

Mauricio Dinepi, condômino dos Diários Associados, 73 anos

Considerado um dos responsáveis pelo avanço do grupo, economista e publicitário carioca não resistiu a um infarto, no Rio de Janeiro

» LARA PERPÉTUO

Ari Kaye/JCommercio/D.A Press



Dinepi era reconhecido pelos amigos como uma pessoa com imensa capacidade de construir relacionamentos



Perdemos um grande companheiro e amigo. Ficamos com um vazio nos Diários Associados

Guilherme Machado, presidente do Correio Braziliense

O publicitário e economista carioca Mauricio Dinepi morreu, na madrugada de ontem, aos 73 anos. Era condômino dos Diários Associados e completaria, em setembro, 74 anos, dos quais mais de 50 foram dedicados ao conglomerado de mídia. Ele sofreu um infarto enquanto dormia, em casa, no Rio de Janeiro.

Dinepi lembrava-se com carinho da primeira vez que entrou no **Correio Braziliense**, empresa onde, meses depois, em novembro de 1975, começou a trabalhar. Iniciou a carreira no setor de publicidade da TV Tupi e seguiu no Departamento Comercial da revista *O Cruzeiro*. Em Brasília, cidade pela qual se apaixonou, foi gerente e diretor Comercial do **Correio Braziliense**, e diretor de Relações Institucionais dos Diários Associados.

Emocionado com a notícia, o presidente dos Diários Associados, Josemar Gimenez, lembrou que Dinepi era “a elegância em pessoa”, além de “um companheiro, um sócio de extrema confiança e leal”. No que diz respeito ao trabalho, contribuiu para o relacionamento institucional do grupo, nos âmbitos políticos, jurídicos e sociais. “Os Associados sem o Mauricio perdem um elo muito grande das empresas com a sociedade, especialmente no Rio de Janeiro”, lamentou Gimenez. “Todo o legado que se tem no Rio, hoje, deve-se muito ao que ele construiu e empreendeu aqui”, acrescentou.

O presidente do **Correio Braziliense**, Guilherme Machado, disse que a morte de Dinepi,

figura de destaque nas áreas comercial e empresarial, deixa uma grande lacuna todo o grupo. “Perdemos um grande companheiro e amigo. Ficamos com um vazio nos Diários Associados”, lamentou.

O diretor administrativo-financeiro da Rádio Tupi, Cleison Nunes Barbosa, conta que a amizade com Dinepi — que foi presidente regional dos Diários Associados no Rio de Janeiro e, logo depois, presidente do

Jornal do Commercio — vinha de longa data. Há nove anos, Dinepi dedicava-se apenas ao condomínio. “Sempre o tive como bom amigo. Ele demonstrava isso também, se preocupava. Sempre estávamos nos encontrando, uma vez por mês, para colocar o papo em dia, sem falar de empresa”, lembrou.

“Mauricio era um amigo muito solidário, um ser extraordinário”, complementa Francisco Caputo, que trabalhou com o

Fábio Costa/JCommercio/D.A Press



Com a então ministra Dilma Rousseff. Trânsito em todas as esferas

publicitário por mais de 30 anos. “Ele tinha um apreço enorme pelo que fazia. Vai fazer muita falta. Era um profissional exigente, mas extremamente colaborativo. Te ajudava a alcançar as metas, a ter um resultado positivo no trabalho”, complementou.

Memórias

“Mauricio Dinepi foi uma das pessoas mais admiráveis que conheci”, salientou o secretário de Comunicação do Distrito Federal, Welington Moraes. “Inteligente e profissional da maior qualidade, com uma capacidade de relacionamento sem igual, principalmente como diretor comercial do **Correio Braziliense**. Tinha uma capacidade de persuasão com um potencial irresistível. E constatei isso inúmeras vezes, como secretário de Comunicação no primeiro governo

(de Joaquim) Roriz. Fará muita falta para os Associados e deixará muitas saudades aos amigos, como eu. Que o bom Deus o receba de braços abertos”.

A colunista do **Correio Braziliense** Liana Sabo, com quem Dinepi trabalhou lado a lado, o define como um amigo querido, gentil, atencioso e fiel. “Duas áreas de interesse compartilhávamos: a arte e a gastronomia. Ele gostava de pintura, tendo sido colecionador de importantes obras. Também gostava da boa mesa e me ajudou muito, com informações sobre restaurantes e chefs, a desempenhar minhas funções no jornalismo gastronômico, que estava começando a existir no **Correio Braziliense**”, frisou.

Cumprindo um desejo pessoal, Dinepi será cremado no Rio de Janeiro, onde nasceu e viveu os últimos anos. Ele deixa dois filhos e duas netas.

BOATE KISS

Toffoli vota por manter todas as condenações

» ALÍCIA BERNARDES*

O ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal (STF), votou ontem pela manutenção das condenações dos quatro réus da tragédia da Boate Kiss, que deixou 242 mortos e mais de 600 feridos, em janeiro de 2013, em Santa Maria (RS). O caso está sendo analisado pela Segunda Turma da Corte, que analisa recursos apresentados pelos advogados dos condenados.

No voto, Toffoli defendeu a legalidade da decisão anterior do STF que restabelecera as penas impostas pelo Tribunal do Júri e determinado a prisão dos réus. Para o ministro, os recursos apresentados não têm o objetivo de corrigir ilegalidades,

mas apenas rediscutir o mérito do caso, o que não é permitido na atual etapa do processo. “É evidente que a pretensão do embargante é provocar a rediscussão da causa, fim para o qual não se presta o presente recurso”, afirmou o ministro.

Com a posição de Toffoli, seguem válidas as penas aplicadas a Elissandro Callegaro Spohr, um dos sócios da boate, condenado a 22 anos e seis meses de prisão; a Mauro Londero Hoffmann, também sócio, condenado a 19 anos e seis meses; a Marcelo de Jesus dos Santos, vocalista da banda Gurizada Fandangueira; e a Luciano Bonilha Leão, produtor musical — ambos condenados a 18 anos de reclusão.

O julgamento ocorre no

Antonio Augusto/STF



plenário virtual, na Segunda Turma do STF, e está previsto para terminar em 11 de abril. Ainda faltam votar os ministros Gilmar Mendes, Edson Fachin, André Mendonça e Nunes Marques. A tragédia da Boate Kiss ocorreu na madrugada de 27 de janeiro de 2013, durante uma

apresentação da banda Gurizada Fandangueira. O incêndio teve início quando um dos integrantes do grupo musical acendeu um artefato pirotécnico no palco, que atingiu o material inflamável do teto da casa noturna. O fogo se espalhou rapidamente, gerando uma densa

fumaça tóxica, que dificultou a saída do público e provocou a morte por asfixia da maioria das vítimas.

Além da superlotação e da ausência de saídas de emergência adequadas, investigações apontaram falhas no cumprimento das normas de segurança

e na fiscalização do local. A tragédia gerou comoção nacional e deu início a uma longa batalha judicial pela responsabilização dos envolvidos.

Em 2021, os quatro réus foram condenados pelo Tribunal do Júri, em Porto Alegre. No entanto, as defesas recorreram, alegando irregularidades no julgamento. As condenações chegaram a ser anuladas pelo Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJ-RS), mas o STF reverteu a decisão, restabelecendo as penas. Agora, com o julgamento dos recursos pela Segunda Turma da Corte, os réus tentam, mais uma vez, reverter a condenação.

Parentes das vítimas seguem cobrando justiça e o cumprimento das penas. A análise do recurso no STF é visto como uma etapa decisiva para a conclusão do processo, quase 12 anos após a tragédia.

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi

Segundo Toffoli, as defesas dos réus pretendem rediscutir as condenações confirmadas em julgamento anterior do TSE

VIOLÊNCIA

Celular: suspeito de atirar em arquiteto se entrega

O Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic) prendeu, ontem, Hugo dos Santos Araújo, suspeito de dar três tiros no arquiteto Jefferson Dias Aguiar na fuga de um roubo no Butantã, Zona Oeste

de São Paulo, na terça-feira. O homem se apresentou à equipe responsável pela apuração do caso, segundo a Secretaria da Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP).

Araújo foi identificado

pouco depois do homicídio por meio de imagens de câmeras de segurança, mas estava foragido. Os policiais da 1ª Divisão de Investigações sobre Crimes contra o Patrimônio, do Deic, chegaram próximo de capturar o suspeito em uma apuração sobre o seu paradeiro, mas ele conseguiu fugir.

Segundo a SSP, Araújo decidiu se entregar. Ele já tinha uma passagem pela polícia, em 2023. O

objetivo do Deic, agora, é prender o segundo envolvido no crime, identificado como Kauã Felipe Celestino, também de 20 anos. Segundo relato de Araújo à polícia, os dois são amigos e estudaram juntos.

“Ele (Araújo) tinha passagem por roubo, deveria estar preso. Um delito brutal, sem piedade alguma com a vítima”, disse o delegado-geral Artur Dias, na sede do Deic. No entanto, o

agente não esclareceu as circunstâncias que levaram o suspeito a ser solto por um crime cometido dois anos antes. Apesar da queda no registro de latrocínios neste ano, crimes como o de Aguiar e o do ciclista Vitor Medrado, morto em um roubo de celular em fevereiro, aumentaram a percepção de insegurança da população.

A execução do motorista, no dia 1º, ocorreu na altura do número 64

da Rua Desembargador Armando Fairbanks, no Butantã. Aguiar estava em uma caminhonete Montana quando viu uma mulher sendo assaltada por dois indivíduos em uma moto — eles teriam levado o celular e a aliança dela.

Em seguida, imagens de monitoramento mostram que o arquiteto atropelou um dos suspeitos (Araújo). A polícia investiga se o atropelamento foi intencional ou um acidente.